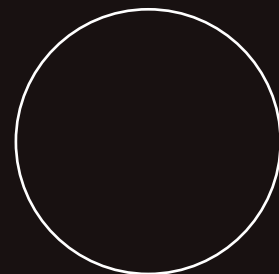


RIO



RIO

4 AMAZÔNIA
visualidade gráfica, poética
e imaginário

Coordenação Geral
Celia Matsunaga
Teal Triggs
Ângela Saldanha

Coordenação de Projeto
Marisa Cobbe Maass
Gustavo DaRosa
Carlos Potiara
Daniel Mira

Mídias Digitais
Alexandre Ataíde
Gustavo DaRosa
Gustavo Azevedo

Programa de Iniciação Científica
CNPq
Fundação de Apoio à Pesquisa
FAPDF

Ayana Saito Mira
Brenda da Conceição Silva
Bruno Matsunaga
Carolina Meneses
Catarina Xavier de Sousa
Clara M. Ortolani Smith
Isadora Castelo Branco
Kellen Barreto
Letícia Vieira Lima
Mariana Bitencourt dos Santos
Rafael Cardim Bernardes
Rebeca Hadassa
Sara Viana Sobreira Bezerra
Ursula Barbosa Rodrigues
Wanessa Pereira

Agradecimentos
Bernardina Leal
Andrea Aymar
Regina Santos
Arkus N. Rodrigues



Universidade de Brasília
Faculdade de Comunicação
Programa de Pós-Graduação
em Design, IDA/UnB
Lab Visualidades Gráficas

Núcleo de Estudos Amazônicos
CEAM/UnB

Royal College of Art, Londres

apoio
Laboratório de Produtos Florestais
IBAMA
Defensoria Pública da União
DPU Cultural
Vila de Alter Pousada Boutique



Associação de
Professores de
Expressão e
Comunicação Visual
Viseu, Portugal

“... sonha-se antes de contemplar. Antes de ser um espetáculo consciente, toda paisagem é uma experiência onírica.” G. Bachelard, 2016

RIO Por Celia Matsunaga
Teal Triggs
Ângela Saldanha

Tapayú-parand

tapajós

Em 1875, J. Rodrigues descrevia suas impressões ao avistar o rio Tapajós pela primeira vez. Chamado pelos tapuyos de Tapayú-parand (rio dos Tapajós), o Tapajós revelava a imensidão do paraíso perdido na Amazônia desde outrora. Em seu relato de viagem, Rodrigues narra o fascínio provocado pela surpresa desse primeiro encontro. Fala da “água cristalina, preta de suas *naturaes*”, do rio Tapajós, que ao sair da travessia de Monte-Alegre, se avistava a linha negra na margem do rio Amazonas”. Passados 144 anos da descrição do “intrrometer-se” entre o rio Amazonas e seus afluentes, ainda nos surpreendemos com a exuberante beleza do Tapajós! A travessia a barco pela vila de Monte-Alegre para Santarém narrada em seu

¹⁰ livro *“Tapajós”* registra uma impressão viva ocorrida numa manhã de 15 de maio de 1875. ¹¹ “Quando penetrei no Tapajós, como que senti minha alma alegrar-se” (Rodrigues, 1875). Ele relata que ao observar a linha que separa o Amazonas de seu afluente, um amarronzado de coloração barrenta, o outro escuro porém transparente, faz revelar a formação de manchas claras que contrastam ao negro do Tapajós. Imagem que para ele mais parecia “um pano preto manchado de pardo”. Relatos de viajantes que não são diferentes dos que até hoje passam por lá. Dias quentes, úmidos e ensolarados, fazem das tardes inesquecíveis espetáculos aos que têm a sorte de estar nesse lugar. Espetáculos que se repetem diariamente que “nunca se deita o sol no Tapajós senão cercado de ouro e de púrpura” (Rodrigues, 1875).

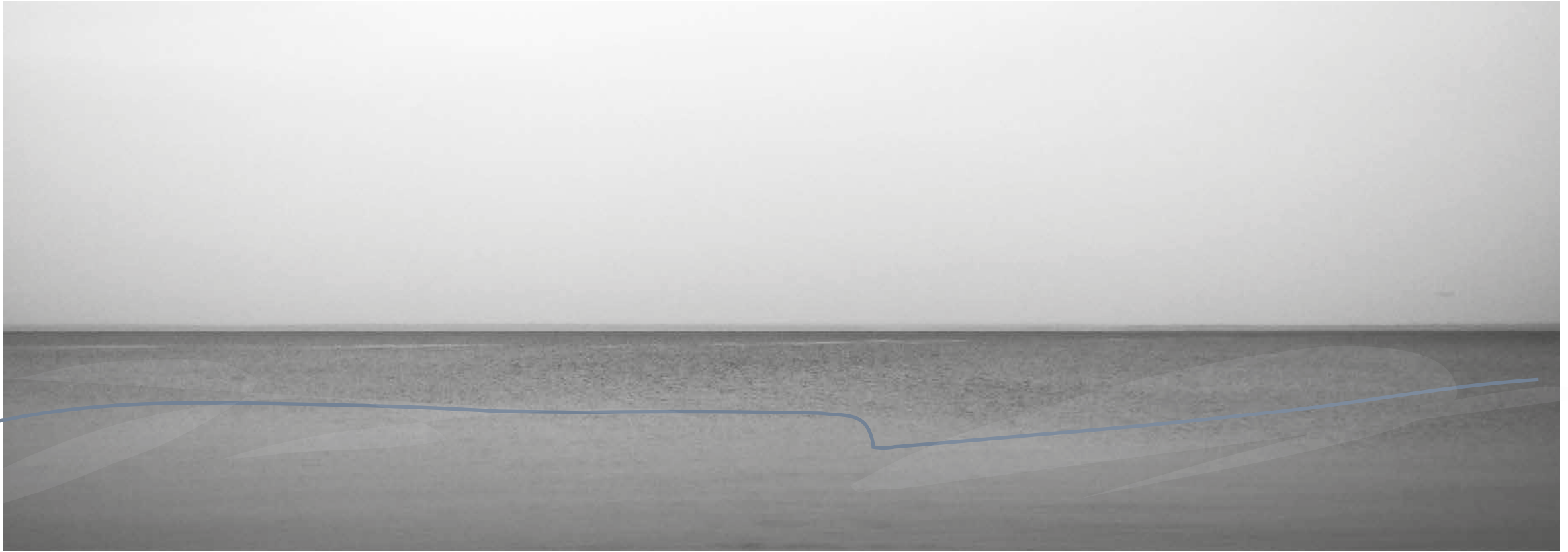


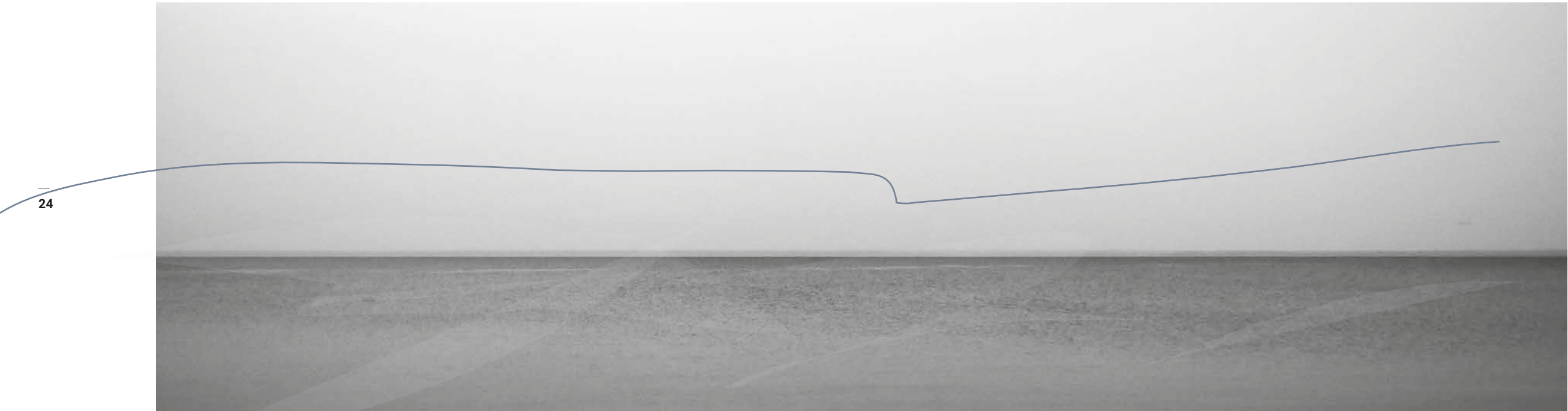


















"a água é realmente

o elemento transitório...

é um ser em vertigem." Bachelard, 1942

Ensaio sobre a imaginação da
matéria.

Referências

1. BACHELARD, Gaston. Água e Sonhos: Ensaio sobre a imaginação da matéria. SP: Martins Fontes, 2016.
2. RODRIGUES, J. Barbosa. Rio Tapajós: Santarém, seus arredores e histórico. RJ: Typographia Nacional, 1875.

Brasília-DF, Brasil, julho de 2021.

